



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THALITA CHAGAS SILVA ARAÚJO

**APADA:
DA FUNDAÇÃO AOS DIAS ATUAIS**

Salvador-BA
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THALITA CHAGAS SILVA ARAÚJO

**APADA:
DA FUNDAÇÃO AOS DIAS ATUAIS**

Monografia apresentada ao Colegiado de Pedagogia da Faculdade de Educação – Universidade Federal da Bahia, como requisito para a conclusão do Curso de Pedagogia sob a orientação do Professor Dr. FÉLIX DÍAZ RODRÍGUEZ.

Salvador-BA
2008

UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
FACULDADE DE EDUCAÇÃO
CURSO DE PEDAGOGIA

THALITA CHAGAS SILVA ARAÚJO

**APADA:
DA FUNDAÇÃO AOS DIAS ATUAIS**

BANCA EXAMINADORA:

Prof^a. Dra. Alessandra Santana S. e Barros – FAGED/UFBA

Prof^a. Dra. Theresinha Guimarães Miranda – FAGED/UFBA

Prof^o. Dr^o Félix Díaz Rodríguez (orientador) – FAGED/UFBA

Salvador-BA
2008

Dedico este trabalho a Deus, que me mostrou o caminho da pedagogia quando entre tantas e tantas opções eu me sentia perdida. A Ele que me deu o dom da interpretação, que me ensinou sinais quando eu não sabia, que me deu as expressões corretas quando precisei, que me levou aos lugares e pessoas certas quando eu sozinha não conseguiria.

A Ele dedico meu esforço desses quatro anos de vitórias, alegrias e conquistas que resulta agora neste trabalho.

AGRADECIMENTOS

Mais uma vez agradeço a Deus, pelo dom da vida, pelo respirar, por tudo!

Aos meus pais e minhas irmãs Rachel e Charlina, que sempre de pertinho me apoiaram e incentivaram nos meus diferentes percursos e loucos horários! Amo vocês de mais!! Não há palavras que possam explicar esse amor!

Agradeço a greve que anulou o semestre 2004.2, foi durante este tempo que pude começar a entrar em contato com a Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS) pela primeira vez e quando voltamos às aulas eu já era praticamente intérprete!

De imediato agradeço a Ellen e Pedro, pessoas tão especiais com as quais tive o prazer de conhecer a LIBRAS e por ela me apaixonar! Assim como agradeço também a todos os surdos que cruzaram o meu caminho até hoje, cada um de vocês tem grande relevância em meu percurso como pedagoga e como intérprete de língua de sinais (ILS).

Mas no meio destes quero destacar uma surda em especial, Priscilla Leonnor. Assim como o primeiro passo é importante, permanecer de pé caminhando e em seguida correndo significa subir a novos níveis e com você pude aprender não só a “permanecer de pé”, mas também a “correr” e crescer como ILS, obrigada!

Não posso deixar de destacar a prof^a Dr^a Nídia Regina Limeira de Sá, ainda me lembro quando em uma aula, numa das minhas sempre constantes perguntas com relação a surdos, um professor me deu a melhor resposta que eu poderia ouvir: “Quem pode te explicar isso é a professora que está na sala a nossa frente, ela é especialista em educação de surdos e chegou neste semestre aqui”. Desde então iniciamos uma relação de trocas, aprendizados, conhecimentos e amizade! Obrigada pela sua confiança e persistência comigo!

Agradeço também uma pessoa muito querida e amiga, o doutorando Omar Barbosa. Não és exatamente meu professor, mas como costumamos brincar “tio” Omar, tens contribuído de forma singular no meu crescimento profissional (e pessoal!). Agradeço-te pelas muitas mensagens compreensivas, pelas grandes trocas amigas, pelos muitos dias de transcrição, pelas inúmeras conversas... E admiro-te pelo grande e valioso desejo de ver crescer a força da comunidade surda nesta cidade.

Há tantos ainda a quem eu quero de agradecer, intérpretes, colegas, Alfa e Ômega, familiares, amigos, meu orientador, mas as linhas me limitam...

Assim, obrigo-me a resumir minhas palavras em: MUITO OBRIGADA a todos vocês que contribuíram para meu crescimento pessoal e profissional me encorajando de forma relevante, não limitando, mas incentivando meus passos para esta realização.

RESUMO

Esta monografia traz um relato acerca da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos da Bahia (APADA-BA), desde antes da sua fundação até os dias atuais. Trazendo um apanhado geral sobre a história da educação dos surdos no mundo, no Brasil e em Salvador, juntamente com breves definições acerca das três abordagens educacionais mais usadas na educação dos surdos. Descreve a instituição em questão e as suas atividades, enfocando a sua atuação na área educacional.

Palavras-chave: APADA, História da Educação de Surdos, Educação de surdos.

SUMÁRIO

RESUMO

1. INTRODUÇÃO.....	08
1.1. JUSTIFICATIVA.....	09
1.2. DESCRIÇÃO DAS PARTES QUE COMPÕE O TRABALHO.....	11
2. CAPÍTULO 1.....	13
2.1 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO MUNDO.....	13
2.2 HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO DOS SURDOS NO BRASIL.....	16
2.3 ABORDAGENS EDUCACIONAIS NA EDUCAÇÃO DE SURDOS.....	18
2.3.1. ORALISMO.....	18
2.3.2. COMUNICAÇÃO TOTAL.....	19
2.3.3. BILINGÜISMO.....	20
3. CAPÍTULO 2.....	21
3.1. METODOLOGIA.....	21
4. CAPÍTULO 3.....	24
4.1. HISTÓRICO DA APADA-BA.....	24
4.2. DESCRIÇÃO DA ESCOLA.....	29
4.3. BREVE DESCRIÇÃO DOS PROCEDIMENTOS DE INSERÇÃO NO MERCADO DE TRABALHO.....	33
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	35
REFERÊNCIAS.....	37
ANEXOS.....	39
APÊNDICE.....	50

1. INTRODUÇÃO

Em Salvador existem pelo menos quatro instituições escolares que atendem especificamente a surdos¹, delas a Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos da Bahia (APADA-BA) vem oferecendo este serviço à população surda da cidade, acompanhado de outros com os quais já atendeu a centenas de surdos e as suas famílias.

Segundo a Lei de Diretrizes e Bases da Educação (LDB), lei 9394/96, educação especial é “a modalidade de educação escolar, oferecida preferencialmente na rede regular de ensino, para educandos portadores de necessidades especiais” (artigo 58). O termo “preferencialmente” indica a possibilidade de matrícula nas escolas especiais, indicando a legalidade do funcionamento de escolas que atendam especificamente às necessidades das pessoas surdas, como a instituição em questão nesse trabalho.

Desde o ano de sua fundação em 1992, a APADA oferece dois principais tipos de serviço à comunidade surda de Salvador, são eles: inserção no mercado de trabalho e educacional. Além destes: a intermediação junto ao sindicato de transporte (passe-livre a usuários e acompanhantes), cursos profissionalizantes, audiometria, etc. Mas neste trabalho será enfatizado o aspecto educacional, por este ser o objetivo principal deste centro.

Atualmente, a instituição tem registrados por volta de 3.500 associados, sendo que nem todos são ativos, pois muitas pessoas surdas comparecem à entidade, se associam e não retornam posteriormente. Existe ainda o caso dos surdos que conseguem certos benefícios, como a inserção no mercado de trabalho ou o acesso ao passe-livre do transporte público e posteriormente perdem contato com a

¹ Oportuno neste momento o conceito de pessoa surda como “aquele com o qual as pessoas que não ouvem referem-se a si mesmas e a seus pares”. (SÁ, 2006, p.67) E como aquele que utiliza a comunicação espaço-visual como principal meio de conhecer o mundo em substituição à audição e à fala.

instituição. Ou seja, a entidade conta com 3.500 fichas de associados, mas nem todos a freqüentam efetivamente ou mantêm contato com a mesma.

A instituição atende hoje a pouco mais de 700 surdos de Salvador e região metropolitana, entre o programa de inserção no mercado de trabalho, cursos e atendimento educacional. Além destes serviços, a APADA oferece também à população ouvinte, de uma forma geral, cursos de LIBRAS e de profissionalização, sendo estes especificamente destinados às famílias dos surdos assistidos.

1.1. Justificativa

A minha implicação com o tema da educação de surdos começou quando de forma simultânea ao ingresso nesta universidade, iniciei um curso básico de Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), numa instituição religiosa e rapidamente me tornei intérprete de Língua de Sinais (ILS)² nesta. No decorrer dos semestres, disciplina após disciplina, sempre procurei fazer uma ligação entre o assunto estudado com a questão da surdez. Então, depois de todo este percurso, o trabalho de conclusão de curso não poderia ser diferente.

Primeiramente, considero importante esclarecer a forma como este tema foi escolhido, já que a educação de surdos nos possibilita diversos sub-temas a serem estudados.

Inicialmente, como ILS, pensava em escrever sobre o papel deste profissional na educação básica e durante a disciplina de Pesquisa em Educação, foi elaborado um projeto que abrangesse este tema, mas ao iniciar como bolsista do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) especulei sobre a possibilidade

² Fiz um outro curso mais aprofundado na APADA em 2005, na ocasião em que fui convidada para interpretar em um programa de televisão, além do contato com surdos que garantiram o meu aprendizado e proficiência na língua. Desde de 2007 possuo a certificação do Pró-LIBRAS (Exame Nacional de Certificação de Proficiência para Tradução e Interpretação da LIBRAS/Língua Portuguesa).

de escrever algo relacionado com o que pesquiso³. Então foi elaborado um outro pequeno projeto sobre a interiorização de conceitos por crianças surdas, visto que o projeto de pesquisa supra citado abrange a atividade de visualização de vídeo-gravações de aulas ministradas por professoras surdas e ouvintes à crianças surdas. Este é um assunto muitíssimo intrigante, mas que demandaria considerável tempo e esforço para realização de um trabalho efetivamente relevante. Ainda no âmbito da pesquisa PIBIC com relação às políticas públicas na educação de surdos em Salvador, realizamos uma entrevista na APADA e conversando com o orientador desta monografia (e pesquisadores do Espaço Universitário de Estudos Surdos - EU-Surdo -, cito Omar Barbosa e Desirée Begrow) sobre os resultados de tal entrevista, esboçamos o quanto seria também produtivo e importante falar sobre essa questão, principalmente por não haver especificamente em Salvador trabalho parecido já realizado.

Além destes fatos, é relevante fazer referência ao fato de que havia estado anteriormente na APADA no ano de 2005, como de aprendiz da LIBRAS, num curso ministrado pelo ILS Ronaldo Freitas, convertendo-me em colega de diversos professores da escola Marizandra Dantas, que funciona dentro da APADA, assim como da coordenadora da instituição.

Buscando por outros trabalhos já realizados na Faculdade de Educação na temática de Educação de Surdos, encontramos apenas uma monografia de graduação que tratava do assunto, intitulada “Alfabetização no contexto da pessoa surda: a proposta bilingue-bicultural”, realizada pela aluna Analúcia Oliveira Sapucaia dos Passos em 2005, e mais duas dissertações de mestrado que abordam o tema de educação de surdos em Salvador, são elas o da mestra Tereza Bastos⁴ e o da mestra Maria Antonieta Nascimento Araújo⁵, mas que não tratam especificamente de uma instituição, não abordam o histórico e não registram a caminhada dessas instituições, pois enfocam a questão da aprendizagem isoladamente resguardando devidamente a identificação de professores, alunos e demais implicados. Então,

³ O referido projeto tem por título: Revendo as políticas públicas para a educação de surdos em Salvador. Sob a orientação primeiramente da professora Dra. Nídia Regina Limeira de Sá e atualmente pelo professor Dr. Félix Díaz.

⁴ OLIVEIRA, Thereza Cristina Bastos de. *Sala de aula inclusiva: um desafio para a integração da criança surda*. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, FAGED, 2002.

⁵ ARAÚJO, Maria Antonieta Nascimento. *A qualificação de surdos para o trabalho e o significativo papel da linguagem*. (Dissertação de Mestrado). Salvador: UFBA, FAGED, 2003.

diferentemente destes trabalhos, procurei abordar uma instituição como um todo, descrever a sua atuação ao longo dos anos e atualmente, a sua capacidade de atendimento, as suas características físicas e ainda como o movimento dos pais dos surdos chegou a essas realizações. Evidentemente, executei os procedimentos de pesquisa com a devida autorização da instituição e respaldo da Faculdade de Educação⁶. Daí que o título pensado para esta monografia é/foi “APADA, da fundação aos dias atuais”.

Através de análises documentais, visitas à instituição, entrevistas e questionários, obtivemos as informações que foram tratadas e relatadas nesse trabalho que é composto de introdução mais três capítulos e considerações finais.

1.2. Descrição das partes que compõe o trabalho

Na introdução trouxemos um apanhado geral do tema a ser abordado. Em seguida, no primeiro capítulo aborda-se de forma breve acerca da história da educação dos surdos partindo da realidade internacional para o contexto local, citando os principais educadores ao longo da história, os primeiros educadores surdos que vieram ao Brasil e as principais instituições de educação de surdos em Salvador. Ainda no mesmo capítulo, são apresentadas breves definições acerca das três abordagens educacionais utilizadas na educação de surdos com a finalidade de introduzir o significado de alguns termos que serão empregados ao longo do texto desta monografia.

O segundo capítulo aborda a metodologia utilizada na construção deste trabalho, apontando os instrumentos e procedimentos de pesquisa utilizados, bem como os critérios de participação dos atores sociais envolvidos no processo de levantamento de informações relevantes.

⁶ Em anexo carta de apresentação à instituição.

No terceiro capítulo é descrita a história da instituição desde antes da sua fundação até os dias atuais, enfocando a sua atuação na área educacional, citando brevemente o seu trabalho na área da inserção no mercado de trabalho.

E, por fim, faço considerações finais, onde estarão as minhas reflexões acerca do trabalho realizado, as dificuldades encontradas, as debilidades e fortalezas, assim como as possíveis “interrogações” que deixam rastros para novas pesquisas na mesma linha da temática aqui tangenciada.

2. CAPÍTULO 1

2.1 História da educação dos surdos no mundo

Se estamos abordando o tema da educação de surdos, é importante que possamos conhecer a sua história para que haja esclarecimento das questões pelas quais ela já passou e um breve entendimento das questões que hoje a norteiam.

Sabemos que a sociedade humana é marcada por um histórico de preconceito e discriminação contra àqueles que possuem necessidades especiais. Na Antiguidade, os que nasciam com algum tipo de deficiência eram abandonados e além destas práticas havia a crença de que estes estavam possuídos por demônios. Na Idade Média, o conceito anterior permanecia e as famílias que tinham membros deficientes os escondiam para não serem discriminados. Os surdos, naturalmente, estavam incluídos entre estes como afirma Machado e Taniolo:

Desde a Antigüidade, com os greco-romanos, acreditava-se que os surdos não eram seres humanos, pois, o pensamento não poderia ocorrer sem que houvesse a linguagem e esta apenas desenvolvia-se pela fala, de acordo com o pensamento aristotélico, já que era a linguagem que dava a condição de humano para o indivíduo. Mesmo na Idade Média, os surdos ainda continuaram com a interpretação de não-humanos e, pela posição da igreja católica, eles não foram considerados imortais, pois não poderiam falar os sacramentos. (2004, p.32)

Strobel comenta sobre este período que:

os sujeitos surdos eram estereotipados como “anormais”, com algum tipo de atraso de inteligência, devido à ausência de trabalho e pesquisas científicas desenvolvidos na área educacional. Para a sociedade, o “normal” era que: é preciso falar e ouvir para ser aceito, então os sujeitos surdos eram excluídos da vida social e educacional; não havia escolas para os sujeitos surdos e existiam muitas leis que não acreditavam na capacidade de surdos. (2006, p.03)

Assim, costumava-se achar que a surdez era acompanhada por algum tipo de déficit de inteligência. Os surdos eram considerados incapazes de ser ensinados, por isso eles não freqüentavam escolas. As pessoas surdas eram excluídas da sociedade, não podendo casar-se, possuir ou herdar bens e viver como as demais pessoas. Sem seus direitos básicos, o exercício da cidadania lhes era interditado.

Os sujeitos surdos eram também marginalizados do convívio social; eram isolados, eram presos em celas e calabouços, asilos e hospitais, ou feitos de escravos, assim como afirma Foucault no seu livro 'História da Loucura' desde o século XIV ao século XVII ao percorrer na história da loucura percebemos que devido aos valores éticos, morais e o modelo médico estão fortemente enraizados socialmente então a exclusão de sujeitos era e é ainda uma prática constante, isto é, a eliminação de pessoas indesejadas. (2002). (STROBEL, 2006, p.04)

No século XV ainda não havia escolas especializadas para surdos e pessoas ouvintes iniciaram um trabalho de ensino à surdos como Giralamo Cardamo, um italiano que utilizava sinais e linguagem escrita e Pedro Ponce de León, um monge beneditino espanhol que utilizava, além de sinais, treinamento da voz e leitura dos lábios.

Somente no início do século XVI é que se começa a admitir que os surdos são capazes de aprender através de procedimentos pedagógicos. Acerca desta época Karin Strobel comenta que

pedagogos e filósofos apaixonados pela educação debatiam sobre a integração social dos surdos: de qual integração se tratava? Qual será o preço que o povo surdo iria pagar por esta integração? Esta preocupação educacional de surdos deu lugar às aparições de numerosos professores que desenvolveram, simultaneamente, seus trabalhos com os sujeitos surdos e de maneira independente, em diferentes lugares da Europa. Havia professores que se abocavam na tarefa de comprovar a veracidade da aprendizagem dos sujeitos surdos ao usar a língua de sinais e o alfabeto manual e em muitos lugares havia professores surdos. (STROBEL, 2006, p.04)

Então, diversos educadores se dispuseram a trabalhar com surdos, apresentando cada um deles, resultados diferentes. Alguns dos objetivos da educação dos surdos neste período era que estes pudessem desenvolver seu pensamento, adquirir conhecimentos e se comunicar com o mundo ouvinte. “Para tal, procurava-se

ensiná-los a falar e a compreender a língua falada, mas a fala era considerada apenas mais uma estratégia em meio a outras de se alcançar tais objetivos”. (Lacerda, 1998, p.01).

Podemos destacar mais alguns educadores que se dedicaram a educação dos surdos, como Juan Pablo Bonet (Espanha), que em 1620 publicou o primeiro livro sobre educação de surdos, intitulado *“Reducción de las Letras y arte de enseñar a hablar a los mudos”* (WIKIPEDIA); Charles Michel de L’Epée (França), Samuel Heinicke e Moritz Hill (Alemanha), Alexandre Gran Bell (Canadá e EUA) e Ovide Decroly (Bélgica). No século XVIII, Charles Michel de L’Epée, junto com surdos franceses, como Sicard e Laurent Clerc, foram os primeiros a utilizarem a prática de gestos naturais, o alfabeto manual que era utilizado somente para nomes próprios ou termos abstratos. L’Epée ensinou quatro idiomas a seus alunos e foi um dos primeiros a defender a língua gestual como língua materna dos surdos.

Por outro lado, SÁ, baseando-se nos estudos de Owen Wrigley, dá uma visão diferente do que costumeiramente é falado sobre L’Epée, mostrando que há uma “dominação” histórica das pessoas ouvintes sobre as surdas. Ela diz que

o conto do Abbé de l’Épée (Padre da Espada) foi uma tentativa de apresentar um tipo de Papai Noel para os surdos, mas este na verdade, trouxe consigo a vigilância e a administração dos surdos pelos ouvintes. (...) Na verdade por trás de uma história na qual se glorifica o abade l’Épée e seus sucessores está o início das práticas de agrupamento de surdos em instituições, primeiramente chamadas de asilos e, depois, escolas. A história da perspectiva dos benfeitores destaca pessoas e feitos, mas esconde a prática social de colocar à margem os diferentes e asilá-los. (2006, p. 72)

Podemos citar também [Thomas Hopkins Gallaudet](#), fundador da primeira escola de surdos nos Estados Unidos em 1817 juntamente com Laurent Clerc, que migrou para os EUA. Esta escola é a instituição que historicamente originou a atual *Gallaudet University* em Washington, única instituição de ensino superior exclusivamente voltada para pessoas surdas e que goza de referência e prestígio mundial na atualidade. (WIKIPEDIA)

A língua gestual foi amplamente utilizada até o II Congresso Internacional de Educação de Surdos⁷ (Milão-Itália), em 1880, quando nesta ocasião foi proibida, tornando o método oralista como o mais utilizado na educação dos surdos. Esse método demandava um grande treinamento e seu foco estava na expressão oral, ele “diz respeito à imposição exclusiva da língua na modalidade oral, objetivando a integração do surdo na cultura ouvinte e seu afastamento da cultura surda.” (SÁ, 2006, p.77, 78)

Assim,

durante cem anos, os sujeitos surdos ficaram subjugados às práticas ouvintistas, tendo que abandonar sua cultura e sua identidade surda, obrigados a se submeterem a uma “etnocentria ouvintista”, sendo forçados a imitá-los e a se esforçarem em parecer ouvintes. (STROBEL, 2006, p.05)

Entendemos que Ouvintismo, segundo Skilar apud Strobel, é “um conjunto de representações dos ouvintes, a partir do qual o surdo está obrigado a olhar-se e narrar-se como se fosse ouvinte”. (2006, p.02)

Somente na década de 1960 a língua gestual retornou, só que associada ao oralismo. Isso deu origem a métodos como a Comunicação Total e o Bilingüísmo, que serão abordados mais a frente.

2.2 História da educação dos surdos no Brasil

A história da educação dos surdos no Brasil teve o seu marco inicial durante o II Império quando o educador surdo Hernest Huet veio da França, onde dirigia o Instituto de Surdos-Mudos de Bourges⁸, para o país convidado por D. Pedro II. Huet trouxe consigo o alfabeto manual francês e alguns sinais da Língua Francesa de Sinais dando origem à LIBRAS (Língua Brasileira de Sinais). Em 26 de setembro de 1857, Huet fundou no Rio de Janeiro o Imperial Instituto de Surdos Mudos com apoio do governo, visto que “para ele, nenhuma escola como essa conseguiria

⁷ Em 1880, foi realizado um Congresso Internacional de Milão, Itália, para discutir o futuro da educação para os surdos e para avaliar o mérito de três métodos rivais: língua de sinais, oralista e mista (língua de sinais e a fala). No dia 11 de setembro de 1880, houve uma votação de 160 votos com quatro contra, a favor de métodos orais na educação de surdos. (STROBEL, 2006, p.05)

⁸ PINTO, 2006, p.08

sobreviver se não fosse mantida pelo Estado, pois a maioria dos surdos-mudos pertencia a famílias pobres.” (PINTO, 2006, p.08) Este educador mostra a sua importância como fundador da primeira instituição de educação para surdos, pois enfrentou diversas dificuldades na época, mas “alcançou muitos dos objetivos propostos e, fundamentalmente, a instrução das pessoas surdas.” (PINTO, 2006, p.14)

Em 1861 Huet foi afastado do cargo de diretor por problemas pessoais e em 1868 o médico sergipano Tobias Leite ocupou este cargo, durante o seu período de direção o Instituto mudou-se para o bairro de Laranjeiras, onde até hoje se encontra. Hoje esta escola é chamada de Instituto Nacional de Educação de Surdos (INES).

Na época de sua fundação o INES funcionava como um asilo que só aceitava alunos surdos do sexo masculino, que vinham de todas as partes do país e muitas vezes eram abandonados lá pelas famílias (INES). “O Instituto estava voltado para a educação integral dos surdos, que recebiam noções de artes, ciências, religião e moral” (PINTO, 2006, p.14), inicialmente usavam a Língua de Sinais com influência francesa, mas em 1911 passou a adotar o oralismo puro. Na década de 70, a partir do retorno da visita que a educadora de surdos Ivete Vasconcelos fez à Universidade Gallaudet, chegou ao Brasil a filosofia da Comunicação Total, e na década seguinte, a partir das pesquisas da Lingüísta Lucinda Ferreira Brito sobre a Língua Brasileira de Sinais e da Professora Eulália Fernandes, sobre a educação dos surdos, o Bilingüísmo passou a ser difundido.

Em Salvador, segundo entrevistas realizadas com pessoas surdas e ILS, a primeira instituição de educação de surdos foi a Escola Wilson Lins. Ela foi fundada em 1959, localizava-se no bairro de Nazaré e inicialmente atendeu a linha metodológica oralista, proibindo o uso de sinais. Anos depois, quando mudou-se para o bairro de Ondina, na mesma época o uso da LIBRAS foi permitido, além de os professores começarem a buscar cursos de Língua de Sinais (LS), seminários e congressos que abordem o tema.

Além desta, Salvador possui/possuiu outras escolas de educação de surdos como a Crissol, que não funciona mais; O CESS (Centro Educacional Sons no Silêncio),

mais conhecido como AESOS (Associação Educacional Sons no Silêncio), que se localiza no bairro de Brotas; o CEEBA (Centro de Educação Especial do estado da Bahia), localizado em Ondina; e a APADA.

Podemos destacar também algumas escolas regulares que recebem alunos surdos em classes inclusivas em Salvador, como o Colégio Estadual Raphael Serravalle (na Pituba), o Colégio João das Botas (na Barra), o Rui Barbosa (em Nazaré), Colégio Estadual Vitor Soares (na Ribeira), Escola Estadual Visconde de Itaparica (no Cabula), Colégio Medalha Milagrosa (Rio Vermelho), e o Centro Federal de Educação Tecnológica da Bahia – CEFET- BA (Barbalho).

2.3 As três abordagens educacionais na educação de surdos

A educação de surdos historicamente produziu diversos tipos de metodologias educacionais, mas três delas se destacam entre as outras e coexistem em diferentes ambientes até hoje, são elas: Oralismo, Comunicação Total (CT) e Bilingüismo.

Aqui estão postas breves explicações sobre cada uma destas abordagens, apenas para que haja entendimento e esclarecimento acerca do assunto, além de garantir a compreensão dos capítulos a frente, deixando claro que o que está exposto aqui são apenas recortes que podem ser aprofundados nos textos indicados nas referencias.

2.3.1. – Oralismo

O oralismo como já foi citado na introdução, ganhou força após o II Congresso de Milão que segundo Lacerda “foi preparado por uma maioria oralista” (1998, p. 04), acarretando na proibição do uso das LS na educação das pessoas surdas e da oralização ser levantada como o melhor método para aquele período. O oralismo foi criado por Heinicke, um alemão que acreditava que “o pensamento só se é possível através da língua oral” (LACERDA, 1998, p. 03) e trata-se de uma linha metodológica na educação de surdos que utiliza o treino da fala, a leitura labial e resquícios de audição para que haja comunicação e aprendizado. Nela, o uso da LS é explicitamente proibido. Como diz Sá “Oralista é a adjetivação dada àquelas

abordagens que enfatizam a fala e a amplificação da audição e que rejeitam, de maneira explícita e rígida, qualquer uso da língua de sinais”. (2006, p.83)

Por ser, na atualidade, grande alvo de críticas, é importante ressaltar que

a crítica à abordagem educacional oralista não significa a negação do direito de oralização da pessoa surda, caso esta, ou sua família, o deseje, mas se prende à negação de que os “intentos pedagógicos”, o espaço e o tempo do cotidiano escolar sejam reduzidos às práticas de habilitação fonoaudiológica que sugam as oportunidades de aquisição dos conhecimentos a que as crianças ouvintes, em idade semelhante, têm acesso. (SÁ, 1999, p.63)

2.3.2. – Comunicação Total (CT)

O método da CT surgiu em meados do século XX com “práticas diversas que combinavam a língua oral manualizada, gestos, fragmentos da língua de sinais, ou seja qualquer recurso que colaborasse para o alcance do objetivo maior: a correta utilização da língua oral.” (SÁ, 2006, p.78) Começou a ser mais usado nos anos 70 quando as instituições oralistas se sentiram pressionadas por movimentos de resistência, abrindo oportunidades para o uso das LS. (SÁ, 2006, p.83)

Ele usa sinais (da LS usada pela comunidade surda ou sinais gramaticais modificados e marcadores para elementos presentes na língua falada, mas ausentes na língua de sinais), leitura orofacial, amplificação (uso do aparelho auditivo) e alfabeto digital, tendo o objetivo de desenvolvimento da comunicação real, de modo que tudo que é falado pode ser acompanhado por elementos visuais (LACERDA, 1998, p.06). Um exemplo é a Língua Portuguesa (LP) sinalizada, um código gestual para a estrutura do idioma, diferente da LS. Segundo Gasperi e Danesi (2004: 15),

esta filosofia também se preocupa com a aprendizagem da língua oral pela criança surda, mas acredita que os aspectos cognitivos, emocionais e sociais não devem ser deixados de lado em prol do aprendizado exclusivo da linguagem oral. Por esse motivo, essa filosofia defende a utilização de recursos espaço-visuais como facilitadores da comunicação. O objetivo principal da comunicação total é evitar ou minimizar os problemas comunicativos gerados pela surdez.

Sá, apoiando-se nos estudos de Wrigley, nos mostra uma outra visão quando explica que

a comunicação total veio significar a mistura da fala e a língua dos sinais mais convenientes a cada professor [...]. O uso da língua dos sinais nesses ambientes mostrou-se ser, na melhor das hipóteses, apenas “fala apoiada pelos sinais”, que é inadequada para ser compreendida por uma criança surda como uma mensagem completa [...]. A “comunicação total” é qualquer coisa, menos total, e raramente comunica. (WRIGLEY, 1996, p.15 apud SÁ, 2006, p.84)

Cristina Lacerda ainda nos diz que “em relação ao oralismo, alguns aspectos do trabalho educativo foram melhorados e que os surdos, no final do processo escolar, conseguem compreender e se comunicar um pouco melhor” (1998, p. 06), mas em contrapartida quando tentam expressar sentimentos, idéias, comunicação fora do contexto escolar de forma geral, ainda têm grandes dificuldades. Segundo esta autora, poucos alcançam a autonomia e verdadeiramente não existe uma aquisição da LS, os sinais e/ou gestos são usados apenas para apoiar a fala.

2.3.3. – Bilingüismo

É a abordagem mais “aceita” na atualidade pela maioria dos educadores de surdos, visto que compreende a LS como sendo a língua materna dos surdos. Sá nos explica que

a abordagem educacional com Bilingüismo para surdos é aquela que acima de tudo estabelece que o trabalho escolar deve ser feito em duas línguas, com privilégios diferentes: a Língua de Sinais como primeira língua (L1) e a língua da comunidade ouvinte local como segunda língua (L2). (SÁ, 2006, p.135)

Ainda podemos dizer que a abordagem educacional com bilingüismo para surdos tem sido a que apresenta os resultados mais satisfatórios na instrução de indivíduos surdos, pois não apenas respeita a LS, que é própria das pessoas surdas, como também a sua cultura perante a sociedade majoritariamente ouvinte.

3. CAPÍTULO 2

3.1. Metodologia

Os procedimentos e instrumentos de pesquisa foram escolhidos ao longo do processo de construção deste trabalho. O seu objetivo é, de forma mais ampla, escrever o registro de uma instituição que atende aos surdos de Salvador e de forma específica descrever fisicamente, encontrar datas históricas que constituem a história da instituição, colher relatos de atores sociais implicados, elaborar e analisar os dados a luz de um tratamento eticamente responsável.

Para realizar tais propostas, desenvolvemos uma abordagem mista de pesquisa bibliográfica e estudo de campo. Para tanto foram utilizados quatro tipos de procedimentos, são eles: pesquisas bibliográficas (incluindo consulta a documentos oficiais), visitas à instituição, entrevistas abertas e semi-estruturadas e questionários abertos.

A partir das referências coletadas no decurso da graduação, fui buscando e selecionando nova bibliografia durante este período de redação monográfica. Além disso, de forma mais específica para este trabalho, foram selecionados textos, livros e estudos que abrangessem a temática de história da educação de surdos.

As visitas à instituição foram feitas ao longo do processo, primeiramente com o objetivo de estabelecer contato com as pessoas responsáveis pela autorização para que fosse realizado este trabalho e posteriormente para a realização das entrevistas de atores sociais implicados com as atividades desenvolvidas pela entidade.

O procedimento da entrevista, tanto aberta quanto semi-estruturada, foi utilizado a fim de conhecer a narrativa dos atores sociais que assistiram e testemunharam o processo de constituição da instituição e a sua evolução posterior. A escolha destes foi feita segundo o entendimento de que são pessoas que estiveram sempre

presentes desde antes da fundação oficial da entidade e nela continuam atuando atualmente.

Procuramos exercitar a escuta sensível ao entrevistar os atores sociais e a transcrição literal como forma de objetivar os discursos registrados em meios tecnológicos (aparelho de MP3 e gravador portátil de telefone celular, utilizados sob autorização consentida). Uma vez transcritas estas narrativas, as informações foram analisadas e posteriormente, sintetizadas, visando à redação do texto monográfico. Entendemos (eu e os entrevistados) que a melhor conduta seria não anexar as transcrições, pois tal pacto, além de preservar os lapsos de linguagem e imprecisões, preservaria a intimidade de cada pessoa entrevistada. Outrossim, as informações aqui publicadas foram checadas e estão sendo publicadas como verdadeiras.

Formalmente, foram realizadas quatro entrevistas. Inicialmente com a coordenadora pedagógica, a Sra. Jamara Dourado e em seguida com a Sra. Marizandra Dantas, atual presidente da instituição e uma das fundadoras da mesma. Posteriormente foi realizada uma nova entrevista com a Sra. Jamara, desta vez acompanhada da Sra. Patrícia Rocha, psicopedagoga e professora da instituição. Além destas, houveram conversas “informais” com funcionários que acompanham a entidade desde a sua fundação.

Fora da instituição foi realizada uma entrevista com o ILS, Neemias Santana. Esta foi realizada com o objetivo de obter informações acerca do percurso histórico e situação atual da educação de surdos em Salvador.

Realizamos uma visita para verificar a possibilidade de levantar números exatos sobre o fluxo de pessoas surdas atendidas pela instituição ao longo dos últimos anos, nos diferentes programas oferecidos para esta comunidade. Constatamos que apesar de a documentação disponível encontrar-se cuidadosamente preservada em pastas e envelopes plásticos, o considerável número de associados e a variedade de nove diferentes tipos de documentos administrativos (de acordo com a finalidade do atendimento, encontramos cadastros sócio-econômicos, boletins de rendimento escolar, etc.), inviabilizariam a realização deste levantamento de forma satisfatória

quanto à precisão e ao cumprimento dos prazos estabelecidos. Neste sentido, optamos por relatar no texto desta monografia, os números aproximados informados pelos próprios entrevistados.

O questionário de perguntas abertas foi um recurso de apoio durante a pesquisa, pois alguns dos entrevistados não tinham tempo disponível para serem entrevistados e eles mesmos optaram por responder a um questionário enviado via e-mail.

4. CAPITULO 3

4.1. Histórico da APADA-BA

Percebemos que a história da Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos da Bahia (APADA-BA) se confunde com a história dos surdos de Salvador.

Em entrevista com a D. Marizanda Dantas, uma das fundadoras e atual presidente da associação, obtivemos informações acerca do percurso histórico desta entidade desde a sua fundação, passando pelas dificuldades e transformações, até os dias de hoje.

Fica latente a sensação de que a APADA nasceu, inicialmente, do desejo de famílias que buscavam/buscam garantir a educação de seus filhos surdos, com destaque para as famílias constituídas de pais ouvintes.

D. Marizanda nos relatou primeiramente o “choque” ao saber que tinha um filho surdo, o que acontece na maioria das famílias de pais ouvintes e filhos surdos. Ela nos contou da inicial dificuldade de aceitação até o momento em que foi constatada a surdez e os primeiros procedimentos realizados na época. Pablo Dantas, filho da D. Marizanda, nasceu em 1976 e de acordo com a orientação dada na época para as crianças surdas, ele foi encaminhado a médicos e fonoaudiólogos que iniciaram seu “tratamento” usando a estimulação da fala.

Com relação a educação de seu filho surdo ela nos relata que teve grandes dificuldades para encontrar uma escola que aceitasse seu filho e nas que ele foi aceito, eram realizados apenas trabalhos de socialização e até os 7, 8 anos houve essa dificuldade. Pablo conseguiu ser alfabetizado apenas aos 11 anos por uma psicóloga em atendimento particular.

Envolvida com as questões concernentes aos cuidados com seu filho, D. Marizanda ao longo dos anos conheceu outros pais que passavam pelas mesmas dificuldades. Sensibilizada com a dificuldade em comum, ao conseguir um benefício para seu filho na empresa onde trabalhava, propôs que esta favorecesse não só a ela, mas também a outros 48 pais que tinham seus filhos em situação semelhante. Assim nasceu a primeira idéia de fundar uma instituição que pudesse celebrar convênios para inserção no mercado de trabalho além de educação para as pessoas surdas.

Na extinta Escola Crissol, que localizava-se no bairro de Brotas na Vila Laura e oferecia serviços educacionais da Educação Infantil ao Ensino Fundamental para surdos além de atendimento clínico no contra-turno (de psicopedagogia, fonoaudiologia e psicologia) D. Marizanda realizou convênios com empresas para promover a inserção de surdos no mercado de trabalho.

Em 1983 este grupo de pais juntou-se ao Centro de Surdos da Bahia (CESBA), que resumidamente é a instituição na qual surdos adultos se reúnem para lutar pelos seus direitos perante a sociedade, além de oferecer esporte e lazer para eles mesmos, cursos, informações e palestras com temas ligados à surdez para a comunidade. Segundo D. Marizanda, foi um pedido dos próprios surdos essa união para que o movimento não se dividisse. O CESBA nesta época tinha sede na Praça da Sé no subsolo do antigo cine Excelcior (JESUS, 2006, p.07).

Exercendo a cidadania comunitária através de reiteradas solicitações a representantes do poder público, os surdos do CESBA conseguiram um outro espaço no bairro do Barbalho e mudaram-se pra lá. Este espaço tinha três salas e junto a Secretaria do Município conseguiram três professores que ofereciam serviços de reforço escolar no turno oposto ao qual o surdo estudava. Este atendimento ainda era algo pouco satisfatório, mas um dos objetivos era ocupar significativamente o tempo de pouco mais de 30 crianças surdas que, em caso contrário, estariam ociosas em casa. Lá, com a interação eles tinham a oportunidade de aprender a Língua de Sinais (LS).

Deste grupo de 30 surdos, muitos outros procuraram a instituição em busca dos serviços educacionais, além de pais que procuravam empregos para seus filhos.

Então, para dar visibilidade às pessoas surdas perante a sociedade, os surdos adultos do CESBA e os pais das crianças surdas, resolveram realizar mais convênios para inserir esses surdos no mercado de trabalho. Acerca deste tempo D. Marizanda nos disse:

descobri que eu tinha que entrar para o mercado de trabalho, eu precisava mostrar à sociedade a capacidade do surdo, o que é que o surdo faz, o que é que o surdo pode fazer. Já que a gente não conseguia para a escolaridade, porque o nível de não-alfabetizados era/é muito grande. Já adultos.

Em viagens a outros estados e a outras entidades de educação de surdos, descobriram um programa de inclusão social chamado “Deficientes Especiais” e junto a empresas como o antigo Paes Mendonça e a COELBA, foi se conseguindo estágios e inclusão no mercado de trabalho para esses surdos, isso aconteceu por volta do ano de 1989.

Passado algum tempo ocorreu uma desvinculação com o grupo de surdos do CESBA, visto que cada uma das partes preferia uma estratégia diferente para buscar a defesa de interesses legítimos e específicos relativos a cada uma destas coletividades. E após esta desvinculação, entendemos que a necessidade de surgimento de uma nova pessoa jurídica representativa dos pais ouvintes de crianças surdas, foi a motivação principal para a fundação da APADA. Foi neste contexto que aconteceu uma reunião com um grupo de 23 pais, os quais ainda estavam juntos na época, sabendo que ao longo dos anos muitos pais afastaram-se da luta inicial pelos direitos das pessoas surdas.

No dia 08 de Julho de 1992 a associação foi efetivamente fundada, com 23 pais numa reunião no Clube Português. Por não possuírem um local próprio para se estabelecerem lhes foi cedida a garagem da casa da irmã de umas das fundadoras (D. Angélica Rebouças). Esta casa⁹ localizava-se na Rua Rio Branco, na Pituba, onde permaneceram até 1993. Naquele espaço da Rua Rio Branco, os pais puderam continuar com o atendimento (reforço escolar) realizado pelas professoras que já haviam conseguido no convenio anterior com o Centro de Surdos.

⁹ Ver anexo, figuras 01 e 02.

Assim, funcionavam com estimulação precoce e atendimento pedagógico para as crianças que estavam no ensino regular, o reforço era oferecido duas vezes por semana além de orientação psicológica para as famílias. Quanto aos atendimentos com fonoaudiólogos, a Sra. Jamara (coordenadora pedagógica da instituição) nos conta que não ofereciam esse tipo de serviço, pois na época Salvador dispunha de poucos profissionais da área, mas como um dos objetivos deste período era a estimulação da fala e o desenvolvimento da linguagem oral, eram utilizados jogos e brincadeiras pelos próprios professores na tentativa de cumprir esse papel.

Seguindo o desejo inicial de fundar uma escola, começaram a providenciar os documentos necessários para esta realização, como regulamentações, autorizações do MEC, profissionais, etc. Enquanto isso, os surdos que procuravam a associação freqüentavam escola regular e no contra-turno iam à APADA para fazer reforço escolar. Nessa época além do reforço e da estimulação precoce, eram oferecidas também aulas de educação física (além dos serviços de inserção no mercado de trabalho através dos convênios). Depois de 1 ano nesse local mudaram-se para uma casa¹⁰ situada na Rua Aimorés no bairro do Rio Vermelho onde permaneceram por 4 anos. Neste período a metodologia educacional utilizada ainda era do tipo oralista.

Contudo, com a expansão do mercado de trabalho, as necessidades da escola cresceram, pois as empresas exigiam que os funcionários tivessem um certo nível de escolaridade, além de perceberem que poderiam oferecer mão-de-obra mais qualificada. Neste contexto, o mercado de trabalho começou a demandar pessoas surdas para vagas como a de empacotador cuja exigência quanto ao preparo profissional é aparentemente pequena, mas que levou a APADA a organizar cursos de capacitação, uma vez que estas funções “... exigem qualificação para saber separar o que é um alimento de um material de limpeza, coisas básicas de como atender o cliente, pois são linhas de frente” como nos contou a Sra. Jamara, assim iniciou-se um trabalho de emprego apoiado.

Quanto a utilização da LS, além da inicial resistência da entidade por parte dos professores e funcionários, houve também a resistência dos pais, visto que estes eram orientados pelos médicos e fonoaudiólogos a não utilizar esta forma de

¹⁰ Ver anexos, figuras 03 a 09

comunicação. Os pais ouvintes, por sua vez, confiavam mais nas palavras dos profissionais da área de saúde do que nos profissionais da educação.

Uma vez que a entidade conquistou visibilidade social, lutando pela inserção das pessoas surdas no mercado de trabalho, os pais vinculados a esta associação conseguiram fundar efetivamente uma escola dentro da Associação, esta é a escola Marizanda Dantas, fundada em 05 de Fevereiro de 2000. Na mesma ocasião, o grupo conseguiu transferir sua sede para a Rua Ilhéus, primeiramente na casa¹¹ número 110 e posteriormente na casa¹² número 96, ainda no bairro do Rio Vermelho onde permanecem até hoje. É importante ressaltar que mesmo antes da oficialização da escola, já havia uma autorização para funcionamento de algumas salas, por isso em 1999 já funcionavam com CEB 1 (segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental), mas com a oficialização da escola a prefeitura os autorizou a funcionar a partir da educação infantil até a alfabetização. Então foram agrupadas turmas de educação infantil 1, 2, 3 (vale ressaltar que a numeração não corresponde a idade, era para simples organização da instituição), além de uma turma de educação de jovens e adultos (EJA) a noite.

Nesta mesma época iniciaram um processo de pesquisa e estudos que resultou no início de uma mudança da visão educacional. Primeiramente quando enviaram duas funcionárias para o Rio de Janeiro, onde permaneceram por dois anos estudando a LIBRAS – Língua Brasileira de Sinais – no INES, e participaram também de um curso na Universidade Estadual da Bahia (UNEB) de Educação Especial, além de contar com a ajuda de uma professora surda, a Donelzi, pois antes duvidavam que a LS fosse realmente um meio viável pelo qual os surdos pudessem se comunicar e compartilhar conhecimentos.

Assim de acordo com as necessidades, a escola ao longo dos anos tem crescido e a medida que as crianças crescem novas séries vão sendo criadas. Assim também aconteceu com as turmas a noite de EJA, que surgiram a partir da preocupação com os surdos que trabalhavam/ trabalham durante o dia, mas que sentem necessidade de estudar e só têm a noite para este fim.

¹¹ Ver anexo, figuras 09 a 11.

¹² Ver anexo, figuras 11 a 19.

A associação juntamente com a escola (que está contida na associação) hoje localiza-se no bairro do Rio Vermelho, na rua Ilhéus, nº 96, Parque Cruz Aguiar, numa casa de dois pavimentos: térreo e primeiro andar; onde a parte térrea é destinada às atividades voltadas para a assistência ao mercado de trabalho e projetos. Esta possui uma recepção, sete salas, uma sala de audiometria (recém instalada), cozinha, refeitório e pátio. O primeiro andar é destinado à educação, sendo constituído de uma brinquedoteca¹³, uma sala de coordenação, uma sala de direção, um laboratório de informática, quatro salas de aula e um banheiro. Da parte térrea a escola utiliza o pátio e o refeitório.

Hoje a escola já funciona com Ensino Fundamental (até o 3º ano), mas assim como no período de fundação, as séries do Ensino Fundamental hoje funcionam sob autorização. No ano passado foi dada entrada nos documentos necessários para terem de forma regulamentada o Ensino Fundamental 1 e segundo a coordenadora pedagógica, o estado pode autorizar o funcionamento enquanto o processo está em tramitação realizando uma vistoria tanto na estrutura física da instituição, como em documentos, livros, etc. Com os documentos encaminhados a instituição já pode funcionar.

O convenio realizado com a prefeitura, realizado desde a época do CESBA é mantido até hoje, o que faz com que a grande maioria dos professores sejam da rede municipal exceto a professora de literatura que entrou na instituição inicialmente como intérprete de Língua de Sinais (ILS), mas que após a sua graduação em Letras assumiu também o papel de professora.

4.2. Descrição da escola

A escola Marizanda Dantas atende por ano uma média de 80 a 90 crianças surdas totalizando cerca de 300 alunos até hoje. Este ano a escola possui 94 alunos, com meta de chegar a 100. Possuem quatro turmas pela manhã (primeiro, segundo e terceiro ano do Ensino Fundamental e uma turma de Educação Infantil), quatro a

¹³ Ver anexo, figura 19.

tarde (duas turmas de Educação Infantil, duas do terceiro ano do Ensino Fundamental) e uma a noite (EJA), totalizando nove turmas. A instituição dispõe de onze professores que em sua maioria têm formação em Pedagogia, sendo que apenas dois são licenciados em História e uma em Letras, porém estes com especializações na área de educação. A escola dispõe também de monitores surdos em duas turmas da Educação Infantil.

A idade dos alunos da escola varia entre 03 a 14 anos de idade (fora a turma do EJA). Não possuem distorção série idade apenas nas turmas da Educação Infantil, isso acontece pois frequentemente recebem alunos adolescentes sem nunca terem freqüentado uma escola antes, portanto no Ensino Fundamental as turmas são formadas de acordo com as possibilidades dos alunos.

Além de conteúdos curriculares, os alunos também dispõem de aula de teatro, aulas interativas utilizando recursos tecnológicos e percussão. Desta ultima a professora é uma surda oralizada.

Quando os alunos terminam seus estudos na instituição há uma orientação para se buscar outras escolas que atendam a surdos como o CESS e a Wilson Lins, mas a escolha fica a critério dos pais. Alguns são encaminhados para escolas regulares com as quais a escola tem relações, porém hoje não há efetivamente nenhum tipo de parceria com escolas regulares. Houve a tentativa de se fazer um convênio com o Colégio Estadual Oswaldo Cruz, onde foi formada uma turma só de surdos com a proposta de a entidade oferecer suporte, assessoria para essa turma. Este convênio foi mantido por dois anos, porém com a mudança na direção da escola a turma foi dissolvida e os alunos surdos inseridos nas classes regulares. Este ano estão fazendo uma nova proposta de convênio com o colégio Guiomar Pereira, que é particular, na tentativa de transferir três alunos do terceiro ano do Ensino Fundamental ainda no segundo semestre deste ano.

Foi-nos relatado que frequentemente alunos saem da APADA buscando uma escola regular e retornam por não terem se adaptado. Jamara nos conta que algumas famílias voltam reclamando que seus filhos “desaprenderam” na escola regular o

que havia anteriormente aprendido lá, como o que aconteceu com Paulo¹⁴, surdo, hoje com 16 anos. Ele nasceu surdo e sua família colocou-o inicialmente em escola regular, depois de tentar por duas vezes a alfabetização nesta escola ele foi transferido para outra também regular. Sem sucesso mais uma vez sua família o levou a APADA quando com 12 anos conseguiu ser alfabetizado. Após um tempo a família decidiu mais uma vez levá-lo de volta a escola regular, onde por diversos fatores como o desvio série idade (14 anos na segunda série), a não adaptação da escola as necessidades do aluno, etc., sua família resolveu levá-lo novamente a APADA. Paulo ainda estuda lá até hoje e de acordo com as informações cedidas pela coordenadora tem se desenvolvido de forma satisfatória.

Patrícia, uma das professoras e psicopedagoga da instituição, nos relata que esse tipo de situação acontece também com os surdos oralizados e que nos dois casos a escola não se adapta as necessidades do aluno, cobrando dele e/ou da família um outro tipo de acompanhamento para o próprio aluno, ao invés de modificar a sua metodologia ou providenciar os recursos necessários para atendê-lo da melhor forma.

O Projeto Político Pedagógico (PPP) da escola Marizanda Dantas, segundo a coordenadora, desde a época da fundação tem adaptações curriculares para contemplar as especificidades da questão da surdez, como o uso da LS e o ensino da Língua Portuguesa (LP) como segunda língua, mas este vem sendo reformulado a cada ano segundo os novos conhecimentos que vão sendo adquiridos, além das alterações quanto aos novos projetos que são desenvolvidos ano a ano.

A escola não adota livros, mas produz seu próprio material didático, seleciona as atividades e escolhe os conteúdos junto aos professores a cada semestre. O PPP contempla também a questão da assistência às famílias, oferecendo curso de LIBRAS gratuito aos responsáveis no mesmo turno em que a criança estuda e orientação psicológica.

Quando questionamos acerca da linha educacional adotada, Jamara nos explica que quando a instituição ainda não estava regularizada, antes da efetiva fundação, eles

¹⁴ O nome verdadeiro da criança e da escola regular foram preservados a pedido da instituição.

trabalhavam com a concepção oralista, mas com os estudos (que já foram citados acima) essa visão foi sendo alterada. E além desses estudos, ano a ano a APADA realizava seminários sobre o tema de educação de surdos convidando para estes palestrantes como Carlos Skliar e Ronice Quadros. Nesses seminários eles também contavam com mesas redondas, onde os surdos podiam relatar as suas experiências pessoais. Então quando a escola foi efetivamente fundada já havia um pensamento diferente em relação aos primeiros passos da instituição.

Ao questionarmos sobre a metodologia educacional utilizada atualmente pela escola a coordenadora parafraseando Gramsci, nos respondeu que sabem que o que é “velho não presta mais, a gente não quer mais esse velho, a gente já tem um ideal novo. O que a gente quer a gente já sabe o que é, mas a gente não tem ainda ele pra colocar no lugar”. Completando a sua fala explica que eles estão num processo de construção do novo, dizem que com certeza ainda não têm o Bilinguismo, mas também queixam-se das dificuldades de, p.ex. não conseguir um educador surdo e/ou professores fluentes na LS, pois mesmo que sempre realizem cursos, participem/promovam seminários este é um tipo de situação que demanda um longo tempo. Sem falar num outro tipo de dificuldade que ocorre quando recebem novos professores da prefeitura, cada vez que isso acontece é necessário recomeçar todo o trabalho de estudo da LS, etc. com esse professor.

Quanto ao ensino da língua portuguesa, elas enfatizam que é feito um trabalho na perspectiva do letramento e do português como segunda língua para o surdo, como o trabalho desenvolvido nas aulas de literatura que é voltado para a aquisição da língua, além de desenvolver a consciência crítica utilizando as artes, como o teatro, para isso.

Nas entrevistas nos foi relatado sobre surdos que chegam à entidade sem a LS e muitas vezes sem nenhuma forma de comunicação estruturada, seja oral, sinais ou escrita. Elas nos contaram que, primeiramente, inserem o aluno junto com o grupo que corresponde ao seu centro de interesse e idade, para que ele tenha convívio com seus iguais .

Exemplificam contando-nos o caso de uma aluna que chegou a escola e não usava nem sinais, nem a oralidade e nem a escrita. Ela foi encaminhada para a psicopedagoga que faz um trabalho individual estimulando o desenvolvimento da leitura e escrita através de jogos e brincadeiras e ao mesmo tempo foi inserida numa turma que corresponde a sua idade para ter contato com outras crianças e adquirir a língua de forma natural. Relatam-nos também que pela experiência com outros surdos essa aquisição se dá por volta de seis meses após a chegada desse aluno a instituição. Contam-nos uma outra experiência de um surdo que morava na zona rural e chegou a APADA aos 23 anos sem qualquer vestígio de linguagem. Ele foi levado à instituição por uma amiga da sua família que prontificou-se a ajudá-lo. Este apresentava dificuldades até para gesticular ou expressar de alguma forma seu próprio nome. Assim, foi inserido na turma de EJA e rapidamente adquiriu a língua, tendo hoje fluência nos sinais e na escrita. Segundo nos relatou a coordenadora e a professora, ele desenvolveu uma estratégia particular de “memorização” de palavras, contam-nos que frequentemente ele mostrava um sinal e perguntava qual era o nome daquela palavra, a qual ele anotava num papel formando uma lista de palavras e significados que consultava frequentemente memorizando-as assim. Atualmente este surdo trabalha na Dismel (empresa de venda de material elétrico e construção civil) e está noivo. Relatam-nos também de casos de surdos idosos que chegam na instituição e que com estes há uma dificuldade maior na aquisição da LS.

Quanto ao ensino ministrado ao EJA, a Sra. Jamara nos relata que não seguem a proposta do governo, pois muitos surdos chegam com certificado de conclusão do Ensino Fundamental, mas não sabem ler e nem escrever, então oferecem aulas de português, matemática e conhecimentos gerais (ética, cidadania, direitos e deveres, informações, atualidades, etc.) à esses alunos.

4.3. Breve descrição dos procedimentos de inserção no mercado de trabalho

Com relação ao mercado de trabalho, a APADA realiza inicialmente um cadastramento com anamnese social, incluindo a questão do passe livre de ônibus.

Pois, para ter direito a ele é necessário possuir renda de no máximo três salários mínimos na família e ser residente em Salvador. Após esse cadastramento são realizados os encaminhamentos para as empresas.

Hoje a APADA possui 60 empresas parceiras, para as quais além de encaminhar mão de obra qualificada, oferece suporte oferecendo-lhes cursos de LIBRAS, esclarecimentos em geral, intérpretes para ocasionais reuniões além de fazer um acompanhamento semanal.

A APADA dispõe também de cursos de profissionalização, hoje são oferecidos cursos de:

- Higienização de hotéis e hospitais;
- LIBRAS para surdos;
- Auxiliar em serviços gerais de hotéis e restaurantes;
- Auxiliar de confeitaria;
- Oficina de teatro e percussão; e
- Encaminhamento para o mercado de trabalho.

No total, existem hoje 573 surdos encaminhados para o mercado de trabalho.

5. Considerações Finais

A APADA-BA é uma instituição que realiza um trabalho significativo de atenção sócio-educativa à comunidade surda de Salvador e região metropolitana. Com esta breve abordagem monográfica, tivemos a oportunidade de iniciar um primeiro registro sobre a trajetória desta instituição ao longo dos anos, bem como, descrever os projetos desenvolvidos atualmente.

Nossa proposta inicial foi a de narrar, contar os fatos da história dos surdos de Salvador, no tocante a educação, não atribuindo juízos de valor, mas buscando agregar um valor de contribuição e crescimento para a comunidade surda de uma forma geral.

Reconhecemos nesta abordagem preliminar, muitos avanços, ganhos e projeções e também muitas debilidades, limitações e “buracos” deste trabalho, como a falta da “voz” dos surdos de forma mais evidente e o papel do ILS dentro da instituição.

Neste sentido, nossa proposta é de dar continuidade a esse estudo, abrangendo outras instituições tão importantes quanto a APADA, como as citadas ao longo do texto (tanto especiais, como regulares). Contudo, desta vez em outro espaço que não serão mais das cadeiras do curso de Pedagogia, mas que de alguma forma podem continuar a ser as da Faculdade de Educação, assim como as da Universidade Federal da Bahia¹⁵, ou seja no âmbito de outras vinculações à pós-graduação acadêmica, seja a nível de especialização, ou mesmo em âmbito de mestrado e doutoramento.

Entendemos que certamente existirão críticas e que essas possam ser feitas no intuito de melhorar e contribuir com esse trabalho de monografia, bem como, com o esforço por atender às famílias ouvintes realizado pela APADA. Neste sentido, entendemos como é válido refletir, p.ex., acerca do apoio a divulgação à LS que a instituição promove, ou ainda sobre o que teria acontecido com o jovem surdo que

¹⁵ Durante a confecção desta monografia fui aprovada no vestibular de Letras com habilitação em LIBRAS pela Universidade Federal de Santa Catarina – curso de Educação a Distância com pólo na UFBA. Além de almejar pós-graduações seguindo a mesma temática: Educação de Surdos.

morava na zona rural e que ao ser imerso num ambiente lingüístico apropriado não só conseguiu adquirir uma língua, como também um lugar na sociedade. Podemos citar também a incorporação do trabalho dos ILS aos projetos regulares da associação, tanto no âmbito educativo, quanto do trabalho assistido o que denota um avanço humano e pedagógico em relação à realidade dos surdos a nível mundial e nacional, pois apesar da aceitação da Educação Bilíngue em algumas cidades dos países nórdicos da Europa, notadamente na Suécia, as formas orais de comunicação ainda prevalecem, de alguma maneira, no âmbito da educação das pessoas surdas. Estes são alguns pequenos fatos aqui exemplificados, mas que certamente constituem diferenciais de significativa relevância na vida dos associados a esta entidade que dela participam e recebem algum tipo de atenção sócio-educativa.

REFERÊNCIAS

Bairro das Laranjeiras – **Instituto Nacional de Surdos comemora 150 anos.** <http://www.bairrodaslaranjeiras.com.br/gente/bairro200407.shtml>. Acesso em 29.05.08

BRASIL. Lei nº. 9394, 20 dezembro de 1996. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. **Diário Oficial da República Federativa do Brasil**, Poder Legislativo, Brasília, DF, 23 dez. 1996, Seção I, págs.27833 a 27841.

Educação em Pauta. APADA enfrenta dificuldades na educação de surdos. Disponível em: http://www.educacaoempauta.jor.br/item.asp?id_item=1740. Acesso dia 18.04.08

Educação em Pauta. Conheça a escola mantida pela APADA. Disponível em: http://www.educacaoempauta.jor.br/item.asp?id_item=1741. Acesso dia 18.04.08

GESUELI, Zilda Maria e MOURA, Lia de. **Letramento e surdez: a visualização das palavras.** Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/include/getdoc.php?id=263&article=134&mode=pdf>. Acesso em 07/05/2007.

JESUS, Marcelo Silveira de, SANTOS, Marcos de Moraes, BARBOSA, Fabíola Moraes, SOUZA, Maurício Damasceno, IVO, Alexander Garrido Fernandez, CONCEIÇÃO, Lívia Andrade da, CRUZ, Nelma de Jesus., BAQUEIRO, Ana Luísa Dominguez. **Comunicando em LIBRAS: Língua Brasileira de Sinais.** 2.ed. Salvador, Autores, 2006

LACERDA, Cristina B.F. de. **Um pouco da história das diferentes abordagens na educação dos surdos.** Cad. CEDES., Campinas, v. 19, n. 46, 1998. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-32621998000300007&lng=pt&nrm=iso. Acesso em: 02 Maio 2007. Pré-publicação.

MACEDO, Roberto Sidnei. **A etnopesquisa crítica e multirreferencialista nas ciências humanas e na educação.** Salvador: EDUFBA.

MACHADO, Aline Dubal e TONIOLO, Ivone M. Fagundes. **Identidade: quem é o “nosso” surdo?** Arqueiro, vol.9, (jan/jun) Rio de Janeiro, INES, 2004.

MONTEIRO, Myrna Salerno. **História dos Movimentos dos Surdos e o Reconhecimento da LIBRAS no Brasil.** Disponível em: <http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=128>. Acesso dia: 07.04.08

PINTO, Fernanda Bouth. **O silencioso despertar do mundo surdo brasileiro.** Disponível em: <http://www.revistafenix.pro.br/PDF7/03%20ARTIGO%20FERNANDAPINTO.pdf> Acesso dia: 27 de Maio de 2008.

Portal do INES – Instituto Nacional de Educação de Surdos. Disponível em: <http://www.ines.org.br/Paginas/historico.asp>, acesso dia: 18.04.08

Revista da AESOS Disponível em:
<http://www.vni.com.br/comunicacao/revistadaAESOS.pdf>. Acesso dia 23.05.08.

RODRIGUES, Zuleide Fátima Fernandes. **Histórico da Educação dos Surdos**. Disponível em: <http://www.webartigos.com/articles/3639/1/historico-da-educacao-dos-surdos/pagina1.html>. Acesso em: 08.04.08

SÁ, Nídia Regina de. **Educação de surdos: a caminho do bilingüismo**. Niterói: EdUFF, 1999.

SÁ, Nídia Regina de. **Cultura, poder e Educação de surdos**. São Paulo: Paulinas, 2006

SACKES, Oliver W. **Vendo vozes**: uma viagem ao mundo dos surdos. São Paulo: Companhia das Letras, 1999

Secretária da Educação do Estado da Bahia. Disponível em: http://www.sec.ba.gov.br/ed_especial/centros.htm. Acesso dia 18.04.08

STROBEL, Karin Lílian. **A visão histórica da in(ex)clusão dos surdos nas escolas**. Disponível em: <<http://143.106.58.55/revista/viewarticle.php?id=125>> Acesso dia: 12 de Abril de 2007

WIKIPEDIA – A Enciclopédia Livre. **Juan Pablo Bonet**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Juan_Pablo_Bonet. Acesso em: 29.05.08.

WIKIPEDIA – A Enciclopédia Livre. **Laurent Clerc**. Disponível em: http://es.wikipedia.org/wiki/Laurent_Clerc. Acesso em: 29.05.08.

WIKIPEDIA – A Enciclopédia Livre. **Thomas Hopking Gallaudet**. Disponível em: http://pt.wikipedia.org/wiki/Thomas_Hopkins_Gallaudet. Acesso em: 29.05.08.

Anexos

Figura 1



Pituba – Rua Território do Rio Branco, nº92 – D. Angélica Rebouças

Figura 2



Pituba – Rua Território do Rio Branco, nº92 – crianças surdas em atendimento escolar.

Figura 3



Rio Vermelho, Rua Aymorés – .Jamara (estimulação precoce)

Figura 4



Rio Vermelho, Rua Aymorés – Gecineide Guimarães (estimulação precoce).

Figura 5



Rio Vermelho, Rua Aymorés – Gecineide Guimarães (estimulação precoce).

Figura 6

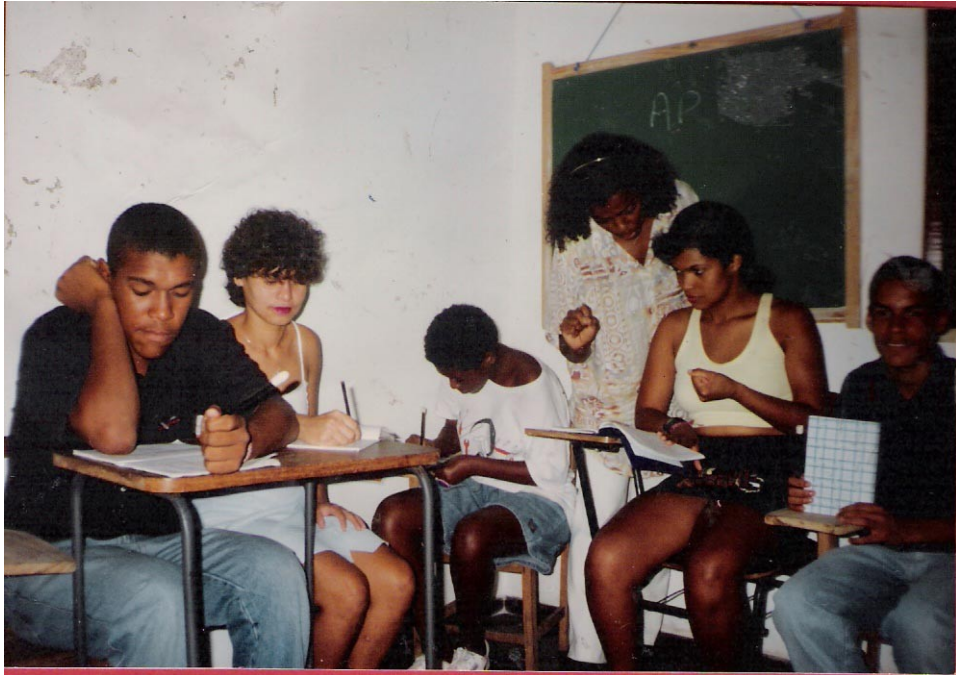


Rio Vermelho, Rua Aymorés – Gecineide Guimarães (atendimento a família e avaliações).

Figura 7



Rio Vermelho, Rua Aymorés – Donelzi Teixeira (sala de aula)
Figura 8



Rio Vermelho, Rua Aymorés – Donelzi Teixeira (sala de aula)

Figura 9



Rio Vermelho, Rua Aymorés – Donelzi Teixeira (sala de aula)

Figura 10



Rio Vermelho, Rua Ilhéus, 110 – evento com surdos.

Figura 11



Rio Vermelho, Rua Ilhéus, 110 – evento com surdos.

Figura 12



Rio Vermelho, Rua Ilhéus, 110 – Palestra.

Figura 13



Rio Vermelho, Rua Ilhéus, nº 96 - surdos em sala de aula.

Figura 14



Rio Vermelho, Rua Ilhéus, nº 96 - surdos no pátio da instituição.

Figura 15



Rio Vermelho, Rua Ilhéus, nº 96 - surdos no pátio da instituição.

FOTOS ATUAIS DA APADA

Figura 16



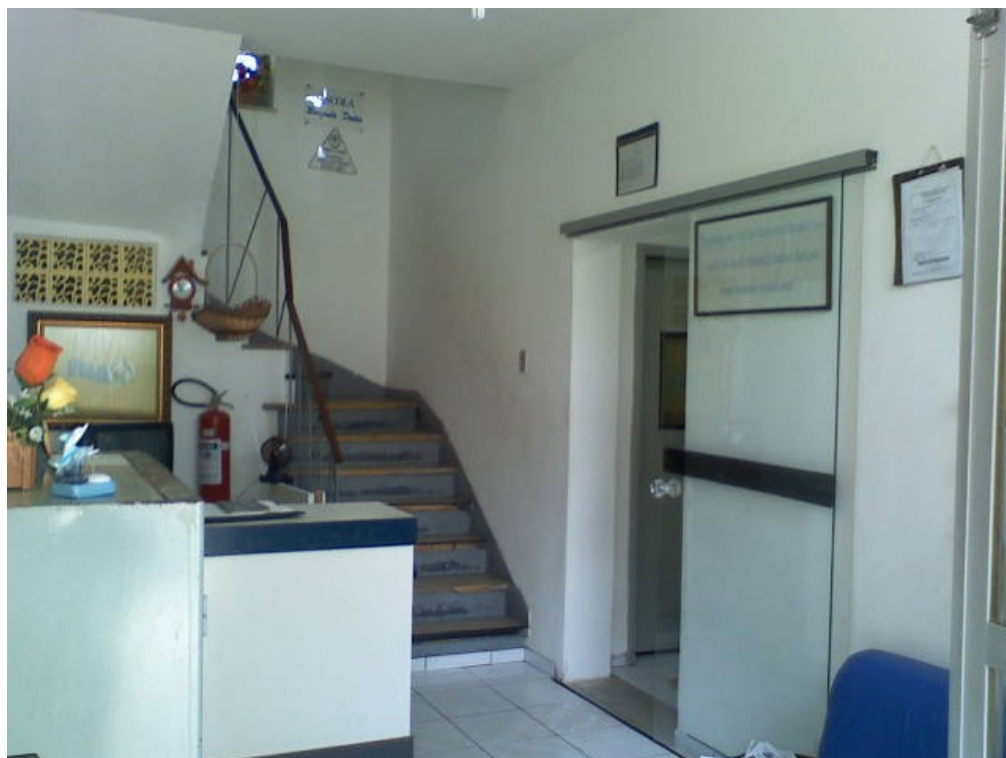
Frente da instituição, no bairro do Rio Vermelho.

Figura 17



Pátio da instituição

Figura 18



Secretaria

Figura 19



Placa com o nome da escola (no alto da escada mostrada na imagem acima).

Figura 20



Brinquedoteca, situada no primeiro andar da instituição.

Apêndice

Questionário para surdos

1. Quais são os serviços educacionais oferecidos para os surdos em Salvador?
2. Quais são as instituições que atendem especificamente aos surdos e que serviços elas proporcionam a eles?
3. Em que outras instituições além do CESBA os surdos se organizam? Incluído as instituições que hoje não funcionam mais. Fale um pouco sobre elas e as atividades que são/ eram desenvolvidas.
4. Quantos surdos você acha que existe em Salvador?
5. Quais são as escolas que atendem aos surdos em Salvador? (específicas e regulares)
6. Que tipo de escola você prefere específica ou regular e por quê?
7. Você sabe qual foi a primeira escola que atendeu a surdos em Salvador?
8. E qual foi a primeira escola apenas para surdos em Salvador?
9. O que você conhece da APADA-BA (Associação de Pais e Amigos dos Deficientes Auditivos da Bahia)?

Questionário dona da Crissol (Sra. Eliane)

1. Qual o ano de fundação da escola?
2. Onde ela se localizava?
3. Que tipo de serviços oferecia? (só educacional?)
4. Atendia a quais níveis de escolarização? (só a Educação Infantil ou também ensino fundamental? Até que série?)
5. A escola fechou em que ano?
6. Poderia me descrever algumas razões gerais do fechamento?
7. Que tipo de metodologia educacional era trabalhada? (Oralismo? Comunicação Total? Bilingüismo?)

Roteiro das entrevistas

a) Entrevista com a senhora Marizandra Dantas.

1. Quais foram os fundadores da APADA?
2. Qual foi o interesse em fundar essa associação?
3. Relate-me detalhadamente como se deu o processo de fundação, desde a primeira idéia até a concretização e instalação da associação e os envolvidos nesse processo.
4. Em 2000 vocês tiveram a autorização para que a escola começasse a funcionar legalmente, antes disso como e que tipo de atendimentos eram feitos aqui?
5. Existe algum registro de quantos surdos já foram atendidos pela APADA?

b) Entrevista com as senhoras Jamara Dourado e Patrícia Rocha

1. Como aconteceu a fundação da escola e o convênio com a prefeitura?
2. Quais as maiores dificuldades enfrentadas na fundação da escola?
3. Quantos alunos a Escola Marizandra Dantas já atendeu desde a sua fundação até os dias de hoje?
4. Conte-me sobre o hoje da escola. Quantos alunos? Quantas turmas? De qual a qual série? Quantos professores? Formação dos professores. O depois dos alunos.
5. Que tipo de resultados a escola já apresentou depois da saída dos alunos?
6. Descreva-me a estrutura física da escola.
7. Fale um pouco sobre o Projeto Político Pedagógico da escola.
8. Qual a linha educacional atual e como se deram as suas transições?
9. Qual o procedimento para os alunos surdos que chegam à escola sem a LS ou sem uma língua definida?

c) Entrevista com Neemias Santana

- Roteiro semelhante ao do questionário para surdos.